

PAÍS EM CRISE

102 MIL ENTRAM NA FILA DO EMPREGO EM UM ANO

Quase dobrou o número de pessoas atrás de colocação no Estado

✎ **MIKAELLA CAMPOS**
mikaella.campos@redgazeta.com.br
✎ **PATRIK CAMPOREZ**
pmacao@redgazeta.com.br

Enquanto o país vive a expectativa da retomada da economia, o mercado de trabalho revela que a recessão deixou marcas profundas, difíceis de curar. No segundo trimestre deste ano, o Estado alcançou o número de 234 mil desempregados. São 102 mil pessoas a mais à procura de recolocação em relação ao mesmo período de 2015, quando 132 mil tinham dificuldades de encontrar oportunidades profissionais.

Esse crescimento de 77% na quantidade de gente sem trabalho levou o Espírito Santo a atingir uma taxa de desemprego de 11,5%, a pior desde 2012. Esse desempenho negativo histórico também foi acompanhado pelo país, que apresentou 11,3%, o maior nível de desocupação em quatro anos. Em todo o território nacional, 11,5 milhões estavam desempregados no segundo trimestre. Entre esses trabalhadores, mais da metade são mulheres.

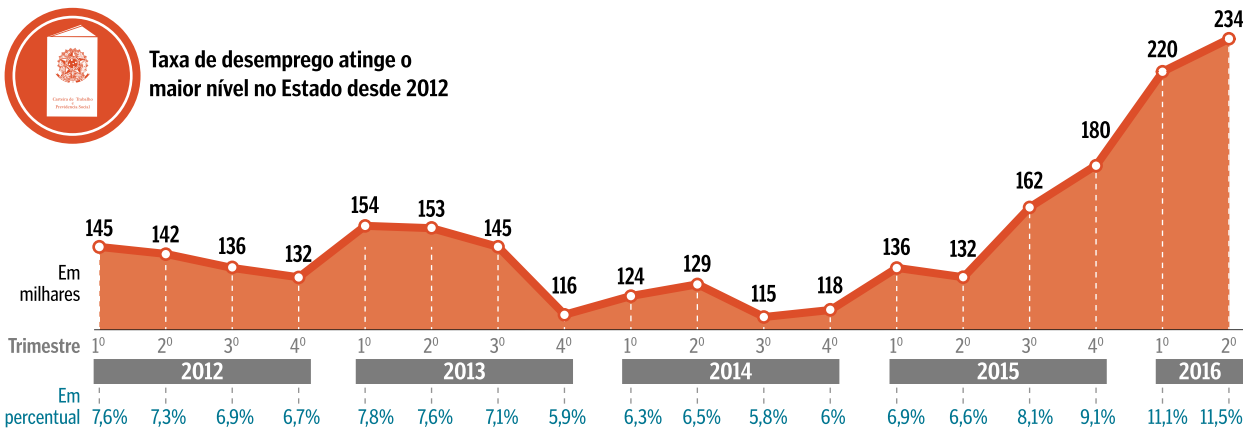
Os dados da Pnad Contínua, a pesquisa sobre emprego divulgada ontem pelo IBGE, mostram que a indústria capixaba foi o setor econômico que apresentou a maior retração no emprego local, com uma queda de 11,26% no número de ocupados entre junho de 2015 e junho deste ano.

“Consequências da crise e também da tragédia em Mariana, que paralisou as atividades da Samarco e afetou segmentos produtivos que atendiam a esse setor”, explica o professor da Fucpe e doutor em Economia, Bruno Funchal, ao acrescentar ainda que a economia capixaba e a força de trabalho foram prejudicadas também pela queda no

VARIAÇÕES NO MERCADO DE TRABALHO



Taxa de desemprego atinge o maior nível no Estado desde 2012



NÚMERO DE TRABALHADORES OCUPADOS

Por categoria

	2º trimestre de 2015	1º trimestre de 2016	2º trimestre de 2016
Empregado com carteira assinada	727	686	677
Empregado sem carteira assinada	172	163	195
Empregado doméstico	98	104	101
Servidor público	245	227	230
Empregador	84	84	89
Conta própria	446	448	450
Trabalhador familiar auxiliar	96	62	56

Por setor

	2º trimestre de 2015	1º trimestre de 2016	2º trimestre de 2016
Agronegócio	301	252	276
Indústria	222	194	197
Construção	154	142	141
Comércio	354	345	334
Transporte	92	98	94
Alimentação	83	95	102
Atividades financeiras e comunicação	171	162	162
Administração pública	310	302	305
Outros serviços	83	79	84
Serviços domésticos	98	104	103



RENDA MÉDIA DO TRABALHADOR EM R\$

	2º trimestre de 2015	1º trimestre de 2016	2º trimestre de 2016
Empregado com carteira assinada	1.691	1.676	1.668
Empregado sem carteira assinada	1.243	1.288	1.086
Empregado doméstico	790	785	772
Servidor público	2.682	2.974	2.939
Empregador	5.522	5.094	4.745
Conta própria	1.715	1.595	1.543

preço das commodities, pelas ações de desinvestimento da Petrobras devido ao alto endividamento e aos escândalos revelados pela Operação Lava Jato.

Na visão dele, a partir do último trimestre, o mercado de trabalho deve iniciar uma reação, porém, vai demorar para recuperar os bons indicadores de pleno emprego. Até junho de 2015, a taxa de desemprego, por exemplo, era de 6,6%, mais de 40% menor do que a observada pela última Pnad.

“Não acredito que voltaremos a ter uma taxa de desemprego de 5%, pois essa só manteve por meios artificiais, como preços da energia e gasolina segurados de forma administrativa, e expansão do crédito desenfreada”, observa.

ESTABILIDADE

Apesar de a taxa de desemprego ser uma das mais altas vistas no Estado, o índice, que fechou o segundo trimestre deste ano com 11,5%, avançou com menos velocidade em comparação com o primeiro (11,1%).

Segundo a diretora de Estudos e Pesquisas do Instituto Jones dos Santos Neves, Ana Carolina Giuberti, pode-se dizer que o desemprego começa a ganhar estabilidade. “Podemos enxergar essa taxa de desemprego de forma até positiva. Pois a retração do comércio e de serviços, no ponto de vista das vendas, foi maior do que o fechamento de postos de trabalho. O mesmo aconteceu com a indústria, que apresentou queda na produção superior a observada no mercado de trabalho”.

O indicador maior que o nacional, de acordo com Ana Carolina, é fruto das características do mercado capixaba. “É uma economia mais aberta, que sempre tem uma flutuação maior que a nacional”.



CARLOS ALBERTO SILVA

GERAÇÃO DE VAGAS

Política estável é essencial para setor produtivo

Instabilidade afeta o consumo e inviabiliza novos investimentos, avaliam empresários

Para que bons ventos voltem a soprar sobre a economia do Estado e do país, a classe empresarial capixaba acredita ser preciso, primeiro, fazer o dever de casa no campo político. A explicação é simples: a instabilidade afeta o consumo e inviabiliza investimentos; essa paralisia atinge toda a cadeia produtiva, o que, consequentemente, prejudica a geração de empregos.

Somente a indústria perdeu 36 mil postos de trabalho no Estado entre 2014 e 2015 - somando vagas fechadas e que deixaram de ser geradas. Três mil postos foram recuperados no segundo trimestre de 2016, melhora que está muito longe do ideal, avalia o presidente da Fines, Marcos Guerra. "Precisamos de um grande projeto de recuperação de emprego, que passa primeiro pela volta da confiança. Com a finalização do processo de impeachment, o mercado deve reagir de forma mais positiva", aposta Guerra.

Os representantes do

SEM CONFIANÇA

"As coisas estão melhorando, mas não na velocidade que a gente acha ideal. Tem que ter confiança no país para o setor produtivo voltar a investir"

MARCOS GUERRA
 PRESIDENTE DA FINDES

comércio - setor que perdeu 11 mil vagas no segundo trimestre deste ano - também acreditam que a recuperação do emprego só virá com a estabilidade política. "A equipe econômica desse novo governo já transmitiu certa credibilidade e um otimismo moderado. A melhor época do comércio é o fim do ano. Se até outubro as coisas melhoraram, entendemos que esses trabalhadores devem começar a retornar aos seus postos", avalia presidente da Fecomércio-ES, José Lino Sepulcri.

Apenas no primeiro semestre de 2016, o setor de construção fechou 13 mil postos de trabalho, em comparação ao mesmo período do ano anterior. Acreditando

que o setor vai voltar a gerar emprego nos próximos meses, o presidente do Sinduscon-ES, Paulo Baraona, aponta que a construção civil costuma ser o primeiro setor a entrar na crise, mas também é o primeiro a sair dela. Ele acredita que o dinheiro existe, mas população e empresários têm que ter garantia para investir, algo que vai acontecer assim que a economia demonstrar sinais de melhora. "Por isso, a gente espera uma normalização da política, o que trará um pouco mais de segurança para o setor produtivo. Com a população voltando à normalidade de consumo, também teremos a estabilização das receitas dos municípios, que voltarão a investir em obras", pontua Baraona.

Um pouco menos afetado quando o assunto é emprego, o setor agrícola gerou 24 mil postos de trabalho no segundo trimestre de 2016. Para o presidente da Federação da Agricultura (Faes), Júlio Rocha, essa alavanca pode ser explicada por uma leve melhora da área política associada a questões sazonais. "Precisamos de mais atenção com esse setor que tanto tem ajudado a equilibrar nossa balança comercial", cobra.



Criatividade para ter renda

Ao ficar desempregada, em abril deste ano, a advogada Andressa Dall'orto, 46 anos, montou o próprio negócio em Vila Velha: uma barraca de sanduíches argentinos.

"A receita é argentina, mas o tempero é brasileiro. Há oito dias no negócio, estamos tendo boa aceitação. Preparo tudo com muito carinho, da melhor forma"

ANDRESSA DALL'ORTO ADVOGADA E DONA DE BARRACA

OPINIÃO DA GAZETA

Sangria precisa ser estancada

É inaceitável que um Estado com o dinamismo econômico do Espírito Santo veja a fila de desempregados ser ampliada da forma como foi nos últimos 12 meses. Algo precisa ser feito, e logo, para estancar essa sangria. O empresário já deixou claro

que aguarda apenas um sinal de credibilidade vindo de Brasília para voltar a acreditar e, ato contínuo, investir. O nó político do impeachment será desatado nos próximos dias. Feito isso, o governo federal precisa ser claro e firme nos rumos do ajuste fiscal e no

reequilíbrio das contas públicas. Há muito a ser feito depois disso, mas, no curtíssimo prazo, este é o passo a ser dado. A irresponsabilidade político-econômica dos últimos anos impõe a milhões de brasileiros a dura realidade do desemprego. Cabe a Brasília contornar esse buraco.

Mais trabalhadores sem carteira assinada

A retração no mercado de trabalho começa a provocar uma migração da mão de obra para o mercado informal. Entre o primeiro trimestre deste ano e o segundo, 32 mil pessoas passaram a trabalhar sem carteira assinada no Estado, uma alta de 19%. Segundo a Pnad Contínua, do IBGE, em junho 195 mil estavam nessa situação contra 163 mil em março.

O dado é preocupante

por elevar o número de trabalhadores ativos que não contribuem para a Previdência. Esse resultado tem impacto direto numa conta já explosiva e abalada pelo déficit previdenciário.

"É a primeira vez desde a crise que observamos esse comportamento. São pessoas que estão sem cobertura da seguridade social por não contribuírem para a Previdência", avalia a diretora de Estudos e

Pesquisas do Instituto Jones dos Santos Neves, Ana Carolina Giuberti.

A Pnad ainda retrata queda na renda do trabalhador desse mercado informal. Se no segundo trimestre de 2015, o ganho médio era de R\$ 1.243, no mesmo período deste ano, os vencimentos mensais médios são de R\$ 1.086.

"O mercado de trabalho chegou ao seu limite, fazendo com que para sobreviver

as pessoas passem a atuar sem carteira assinada até que o cenário possa mudar e permitir que essas retornem ao emprego formal", explica o professor e economista Bruno Funchal.

No país, no segundo trimestre em comparação com o primeiro deste ano, aumentou em 363 mil a quantidade de pessoas sem contratos de trabalho legalizados, um crescimento de 3%.



FÁBIO VICENTINI/ARQUIVO

Sem carteira assinada: 32 mil pessoas a mais em junho